

COMO SÃO APRESENTADOS SONS E IMAGENS EM PARKATÊJÊ¹

MARÍLIA FERREIRA*

RESUMO

Linguistas têm sido desafiados a encarar a ocorrência de uma classe especial de palavras relacionadas à descrição de eventos do ponto de vista sensorial e motor, os ideofones. De uma perspectiva tipológica, o fenômeno da ideofonização é heterogêneo, diferindo na extensão em que ocorrem nas diferentes línguas humanas. Dentre as características observadas em tais elementos destacam-se suas fonotática, morfologia e prosódia. Neste artigo, são apresentadas observações sobre a ocorrência dos ideofones em uma língua indígena amazônica: o parkatêjê que pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. São observados os contextos de ocorrência em textos orais e a manifestação dos elementos, sua forma e seu sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Jê, textos orais, ideofones.

1 INTRODUÇÃO

Linguistas têm sido instigados a observar, em várias línguas do mundo, um conjunto de elementos cujo significado relaciona-se com o retratar ou com o traduzir em palavras eventos que podem ser experimentados da perspectiva sensorial. Tais elementos conhecidos como ideofones são atestados em todas as línguas do mundo, porém as línguas diferem na extensão em que os empregam. Por causa dessa distinção de usos nas línguas humanas, alguns linguistas não veem interesse em propor uma “classe universal” de ideofones, restringindo a descrição apenas ao contexto das descrições linguísticas individuais. Os ideofones são frequentemente considerados pertencentes a uma classe

* Professora da Faculdade de Letras (FALE), Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) 2003. Desenvolve pesquisas na linha “Descrição de Línguas Indígenas Amazônicas” no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA.
E-mail: marília@ufpa.br

fono-semântica para indicar que não se trata de uma classe gramatical de palavras no sentido tradicional como “verbos” ou “nomes”, mas uma classe definida com base em sua forma e em seu significado.

Todavia, a conceituação do fenômeno é muito diversa e, a esse respeito, Childs (1994) assevera que a noção de “ideofonia” é enganosa. Provavelmente o autor se refere às interpretações simplistas encontradas sobre ideofones. O fato de o fenômeno ser considerado heterogêneo, conforme ressalta Araújo (2009, p. 23), também é uma questão a se pensar. Na verdade, quando se fala em ideofones há uma correlação quase que imediata entre esses elementos e as onomatopeias. Da mesma forma, itens lexicais distintos são englobados nesse conjunto de palavras chamado ideofones. Isso talvez explique a propalada heterogeneidade de tal classe, que ocorre em decorrência, na verdade, de uma mistura de distintos elementos como se fosse uma unidade.

Neste artigo, partindo-se de uma perspectiva tipológica e descritivo-funcional, será abordada a ocorrência de ideofones em uma língua indígena da Amazônia Brasileira: o parkatêjê, língua pertencente ao tronco Macro-Jê, falada por comunidades que vivem no sudeste do estado do Pará.

2 O FENÔMENO “IDEOFONES”: EM BUSCA DE CONCEITUAÇÃO

As definições de ideofones existentes em dicionários especializados da área de linguística não abarcam todas as nuances relacionadas a tal classe de palavras. Vejamos a definição de Matthews (1997, p. 169) a respeito do termo:

Used by Africanists of a distinct class of forms characterized by phonological structures that tend to be peculiar to them: e.g. by patterns of *sound symbolism, reduplicative structures, or distinct patterns of tones.

Já Trask (1993, p. 131-132) define ideofone como

One of a grammatically distinct class of words, occurring in certain languages, which typically express either distinctive sounds or visually distinctive types of action. In languages that have them, ideophones are usually as rigidly conventional in form as other

words, though they may sometimes exhibit exceptional phonological characteristics, such as segments not otherwise attested. Here are a few of the many ideophones in the Carib language Apalai: *kute kute* ‘(frog) croak’; *pyh tere* ‘jump into canoe’; [...].

Crystal (1997, p. 189) define ideofone como “...term used in linguistics and phonetics for any vivid representation of an idea in sound, such as occurs through onomatopoeia.”

As definições apresentadas por Matthews (1997), por Trask (1993) e por Crystal (1997) têm em comum o aspecto da forma e da estrutura fonológica dos ideofones. As outras informações presentes nessas definições não perfazem um conjunto de características.

Doke (1935, p. 118 apud VOELTZ e KILLIAN-HATZ, 2001) foi primeiramente quem usou o termo ideofone, definido por ele como

Uma representação vívida de uma ideia em som. Uma palavra, geralmente onomatopaica, que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio com respeito à maneira, cor, som, cheiro, ação, estado ou intensidade. (Tradução da autora)²

Voeltz e Kilian-Hatz (2001, p. 2) observam que, embora Doke não tenha apresentado uma definição formal de ideofone, ele argumentou a favor de uma distinção entre esses elementos – as onomatopoeias e os sons imitativos – e propôs uma classe especial de palavras para agrupar ideofones. Segundo Doke (1935), “deve-se apontar que geralmente, regras especiais de duração, tom e acento, aplicáveis a formas gramaticais ordinárias, diferem consideravelmente no caso dos ideofones”. Para ele, esse grupo de palavras apresenta suas regras particulares.

Alguns pesquisadores que têm contribuído para o conhecimento dessa classe de palavras em línguas humanas afirmam que nem todo ideofone é necessariamente onomatopaico, porém. O corpus de ideofones do cantonês organizado por Bodomo (2008) é um exemplo disso.

Com vistas à proposta de uma definição mais uniforme de uma classe de palavras de ideofones, Araújo (2009, p. 23-24) considera que as tentativas mais adequadas de fazê-las são aquelas que, com base nas características de tais elementos, agrupam-nos em grupos prototípicos, observando sua ocorrência em grupos de línguas ou em áreas linguísticas (BARTENS, 2000, p. 13 apud ARAÚJO, 2009).

Desse modo, Bartens (2000, p. 19-20 apud ARAÚJO, 2009, p. 24), com base em dados de vários corpora contendo ideofones, identificou três tipos distintos desses elementos, formulando assim uma tipologia, que os agrupa da seguinte forma: (1) Ideofones intensificadores ou partículas exclusivas: grupo de ideofones mais dificilmente associados a origens onomatopaicas; (2) Ideofones utilizados em construções quotativas com ou sem um auxiliar: ideofones mais frequentemente de origem onomatopaica; (3) Ideofones com significado independente: todos os ideofones que não se encaixam nos grupos (1) e (2).

Dingemanse (2009) define ideofone como uma palavra marcada que vividamente descreve eventos sensoriais. O adjetivo “marcado” refere-se ao fato de os ideofones serem palavras distintas das outras, por servirem à representação, à expressividade. Esse pesquisador reúne uma série de características peculiares dos ideofones, dentre as quais, sua fonotática especial; sua morfologia expressiva e sua prosódia em primeiro plano.

Os ideofones, de um modo geral, apresentam-se como formas livres mínimas, itens lexicais convencionalizados com significado específico dentro das comunidades de fala. De fato, os falantes de uma dada língua reconhecem determinados ideofones e a que tipo de eventos podem estar associados. São os ideofones que recriam o evento que está sendo narrado, uma vez que durante a enunciação, os falantes se tornam performistas, pelo fato de tais elementos serem palavras com prosódia especial, que os leva a contar o evento com detalhes que evocam aspectos audiovisuais.

Os ideofones apresentam semelhança entre a forma e o significado daquilo que representam ou descrevem, porque aludem toda uma experiência em vez de simplesmente descreverem propriedades simples dos eventos.

De um modo geral, a reduplicação é uma característica bastante recorrente nos ideofones, trazendo frequentemente o sentido de repetição ou de pluralidade. Uma fonte para os ideofones são as onomatopeias, ou seja, as palavras que exprimem o som (do evento) por meio de uma imitação de características bem marcantes deste. Alguns ideofones podem ser derivados das noções onomatopeicas, embora, como já visto anteriormente, nem sempre isso seja real.

As línguas variam na maneira como se empregam ideofones e também no contexto em que eles podem ser usados. Em algumas línguas, os ideofones são usados na língua falada (por exemplo, em contextos narrativos) e são encontrados raramente na língua escrita. Em outras línguas, eles podem ser usados livremente em todos os registros. Entretanto, os ideofones tendem a ocorrer mais extensivamente na língua falada por causa de sua função expressiva ou dramatúrgica.

Na próxima seção, serão apresentadas informações sobre a língua parkatêjê, língua indígena da Amazônia Brasileira, pertencente ao tronco Macro-Jê e sobre a ocorrência dos ideofones nessa língua.

3 IDEOFONES EM PARKATÊJÊ

3.1 A língua parkatêjê

A língua parkatêjê é falada por uma comunidade indígena que se denomina do mesmo modo e que está localizada no sudeste do estado do Pará, às proximidades do município de Bom Jesus do Tocantins. Trata-se de uma língua considerada parte do Complexo Dialectal Timbira, de acordo com Rodrigues (1999), pertencente à família Jê, tronco Macro-Jê, a qual partilha características tipológicas semelhantes às de outras línguas de mesma afiliação genética, entre as quais aquelas de cunho (i) fonético-fonológico como o fato de as vogais centrais serem marcantes no sistema sonoro; (ii) morfológico – a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado e (iii) sintático – a ordem constituinte SOV em orações declarativas.

Até 2000, os parkatêjê partilhavam a mesma aldeia com remanescentes de dois outros grupos de povos timbira que viveram na região do sudeste do estado do Pará. Todavia, a comunidade constituída por dois grupos que habitava a Terra Indígena Mãe Maria se dividiu, permanecendo ali aqueles que se denominam Parkatêjê. Na aldeia do km 25 – como eles próprios costumam falar – estão aqueles que agora se denominam Kyjkatêjê. Embora esses povos façam questão de apresentar-se, principalmente da perspectiva linguística, como distintos, é possível afirmarmos que as línguas apresentam muita semelhança estrutural e lexical, podendo ser consideradas dialetos de uma mesma língua.

Como resultado de uma situação de contato linguístico intensivo, em razão de inúmeros fatores de ordem política e social, a língua Parkatêjê encontra-se em perigo de extinção, uma vez que atualmente é falada apenas por um pequeno segmento de sua comunidade, não sendo aprendida mais como primeira língua das crianças, que somente falam o português. Diante dessa realidade, observa-se que a “contação” de histórias entre os parkatêjê tem-se tornado um evento que somente ocorre entre falantes da primeira geração que partilham o conhecimento de sua língua materna bem como de todo o universo cultural em que ela era utilizada. Os não falantes, apesar de não partilharem desse conhecimento em sua totalidade, também escutam as narrativas contadas pelos mais velhos, em algumas ocasiões.

O acervo de narrativas orais do povo Parkatêjê de que disponho está constituído por (i) textos míticos tradicionais que abordam questões centrais à cultura desse povo, como um tipo de cosmogonia, relacionado à criação do mundo; (ii) fábulas; (iii) relatos do cotidiano; (iv) relatos autobiográficos e (v) canções tradicionais.

O critério utilizado para distinguir tais textos obviamente levou em consideração a forma e o conteúdo deles. Um texto poético, por exemplo, apresenta processos simbólicos como a metáfora e o desenvolvimento de estilos distintos da narrativa em si.

Como a língua Parkatêjê está vivendo um momento delicado, considerando a situação de atrito linguístico, a comunidade tem-se mostrado preocupada com a preservação de sua cultura e de sua língua. Desse modo, há um esforço dela para registrar o máximo possível a língua em suas situações de uso. Para auxiliá-la, estamos desenvolvendo um projeto acerca da documentação de narrativas orais tradicionais desde 2008, o qual é financiado pelo *Ambassador's Fund for Cultural Preservation*, da Embaixada dos Estados Unidos. O diferencial desse projeto é o fato de todas as histórias estarem sendo gravadas em áudio e vídeo. Esse material, após ser coletado, é transcrito em língua indígena e em língua portuguesa.

Quanto ao uso das interjeições, Ferreira (2003) apresentou essa classe de palavras, em que englobou alguns ideofones. Contudo, após reunir os principais aspectos tipológicos dos ideofones em línguas humanas, reanalisou aquelas ocorrências da perspectiva ora apresentada no presente artigo, ou seja, admite-se a existência de ideofones na língua.

Uma das características dos ideofones, conforme apresentado na primeira seção deste texto, relaciona-se ao seu uso que pode remeter a características do que conhecemos em língua portuguesa, por exemplo, como interjeições. Matthews (1997, p. 182) assim define interjeição

Traditionally of forms that express 'states of mind' and do not enter into specific syntactic relations with other words: e.g. Wow, Yuk, Phew. Some, such as phew [Φ:], are also idiophones, with phonetic features peculiar to them.

Observe-se que a definição de Matthews indica claramente que uma interjeição expressa “estados da mente”. Assim, a definição “uma vívida representação de uma ideia em som” (DOKE, 1935 apud VOELTZ e KILLIAN-HATZ, 2001) poderia ser concebida como um estado da mente. Todavia, o que mais chama a atenção na definição de Matthews acerca de interjeições é que um dos exemplos apresentados por ele, no verbete, é também um ideofone. Isso mostra que há, de fato, uma sobreposição entre esses conceitos.

Em uma das narrativas orais tradicionais da língua parkatêjê, o falante discorre sobre a feitura da roça pelos índios antigos. E o recorte apresentado abaixo contém a ocorrência de um ideofone representando a ação empreendida por uma das mulheres que está pronta para a colheita do milho. O texto relata muitos usos e costumes antigos relacionados à colheita, dentre os quais estão a pintura corporal utilizada pelos índios e as ações realizadas já na roça perante as plantas. O ritual que antecede a colheita é descrito da seguinte forma: as mulheres postavam as mãos semiabertas, em formato de garras, como se estivessem arranhando o arbusto do milho. Desse modo, à primeira vista, o ideofone empregado pelo falante parece apenas demonstrar o barulho da unha das mulheres sobre a planta. Porém, esse elemento evoca toda a imagem, toda a atitude narrada pelo falante.

Os fragmentos do texto em língua parkatêjê e em língua portuguesa são apresentados a seguir:

Aiku mē punā mpo ita nā aiku mē hōkra aprorore nā aiku mē nā j
ŷ jŷ jŷ jŷ jŷ.

Aiku mē punā to aipi xêrêre to kukwŷ are na kitare aiku mē
pàr nā kukryn

“(as mulheres antigas faziam aquela coisa que eu não sei o que representava), elas ficavam ao redor (do pé-de-milho) com as mãos fechadas em forma de garra (barulho que eles faziam ao redor do pé-de-milho). Aí elas iam dançando e rodando ao redor (do pé-de-milho) então, elas arrancavam o pau do milho com força”.

Outras ocorrências de ideofones foram observadas na conversação diária, durante as muitas atividades realizadas pelos parkatêjê. As informações sobre os termos foram dadas por eles e estão abaixo relacionadas:

A forma *oki* é utilizada com entonação de palavra interrogativa, que denota o espanto, a surpresa do falante diante de algo novo ou inesperado. Os kyjkatêjê, grupo remanescente do Maranhão, que viveu com os parkatêjê durante cerca de três décadas, utiliza a forma *jakê* em contextos semelhantes, com o mesmo significado de *oki*.

A forma *kô kô kô*, utilizada com a sílaba reduplicada, pode codificar um aviso, um chamado de atenção para determinado fato inesperado, um sinal de aviso do tipo “cuidado”. Coletamos essa forma em uma ocasião de trabalho de campo quando andávamos pelo mato com um grupo de índios e um deles, ao perceber que um galho cairia sobre alguns do grupo, os avisou com essa forma, apontando naquela direção.

Já a forma *krã mpo nã!* é uma locução constituída por palavras como *krã* (certo) e *mpo* (coisa), que em conjunto apresenta um significado idiomático. É usada, em geral, quando uma pessoa faz alguma coisa diferente do esperado como, por exemplo, jogar uma flecha e errar o alvo. O jogador pode reagir batendo a mão direita espalmada embaixo da axila esquerda, seguida da fala da expressão referida.

Com base na observação de seu uso, trata-se de uma ironia do tipo “isso mesmo”, mas em tom de repreensão. Essa locução é distinta estruturalmente das outras formas que estamos tratando como ideofones, por ser constituída de três palavras, porém a incluí na lista, uma vez que seu uso é semelhante aos demonstrados até este ponto. É interessante também documentar a ocorrência dos ideofones juntamente com movimentos do corpo, com expressões faciais específicas e com a dramatização da voz, seguindo o que Dolz e Schneuwly (1989 apud DOLZ e SCHNEUWLY, 2004) chamam de *Cinesi*, referindo-se justamente a esse conjunto de ações.

Finalmente vale registrar outras ocorrências, não menos interessantes, que são empregadas como ideofones: os vários muxoxos e cliques usados com uma série de distintos significados como a expressão de incredulidade, reprovação e aborrecimento. Os sons são realizados a partir da oclusão oral em que a boca funciona como ressonador. Esses sons podem ser de vários tipos, entre os quais podemos citar o palatal e o labial, variando quanto à quantidade de batidas da língua no palato, por exemplo.

Esse traço é característico da cultura cabocla amazônica em que se verifica uma forte influência da cultura indígena. É um traço típico, por essa razão, da língua portuguesa falada na Amazônia.

Não há, nos diversos materiais consultados sobre ideofones em línguas humanas, indicações de línguas em que tais elementos não ocorram. Observamos, porém, que, ao que tudo indica, o uso de ideofones dá-se também por uma opção do falante. Mesmo em língua portuguesa, tal observação parece se confirmar. Ou seja, alguns falantes parecem ser mais afeitos ao uso de ideofones diferentemente de outros.

Nossa hipótese, no entanto, no que se refere a línguas em situação de atrito linguístico ou em perigo de extinção, é a de que o uso de ideofones tende a ser pequeno ou inexistente, por faltar a tais línguas a vitalidade necessária a um sistema linguístico saudável. Isso é o que observamos em duas línguas indígenas, em situações de atrito linguístico, como é o caso, por exemplo, da língua tapajúna (falada no Mato Grosso) e do parkatêjê aqui apresentado. A esse respeito, uma pessoa chamada Carmen Rodrigues (em comunicação pessoal) me informou que em Xipaya, língua Tupi seriamente ameaçada, não se observou a ocorrência de ideofones. Para ela, essa não ocorrência pode ser bem mais explicada pela situação linguística do Xipaya.

4 CONCLUSÃO

A questão do simbolismo sonoro é antiga e sempre interessou a muitos estudiosos da linguagem, os quais consideravam problemas relacionados à arbitrariedade e à iconicidade.

A ocorrência de ideofones em línguas humanas difere em relação à forma e à extensão. Todavia é fato comum, de acordo com o que se

observa em Dingemanse (2009) e Voeltz & Killian-Hatz (2001), por exemplo, que sons vocais contêm em si significados e evocam não apenas a percepção auditiva à qual uma dada ação está relacionada, mas ao todo dessa ação, reunindo sons, imagens e ideias.

Partindo de uma perspectiva tipológica descritivo-funcional, a língua parkatêjê, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, foi observada quanto à ocorrência de ideofones em textos orais tradicionais. Em Parkatêjê, língua com a qual trabalhamos desde 2000, pudemos coletar ocorrências desses elementos com contextualizações mais amplas e em situações diversas de fala.

Com relação aos fatos observados, é possível enumerar aqueles já observados em outras línguas por pesquisadores como Dingemanse (2009): (i) a estrutura fonotática envolvida na expressão dos ideofones; (ii) a repetição fônica, relacionada ao aspecto iterativo da ação que se repete; (iii) a prosódia do ideofone, que difere consideravelmente de outras palavras das línguas em foco; (iv) a estrutura mórfica dos elementos; (v) o fato de o ideofone evocar não apenas o som ao qual a ação se vincula, mas, ao contrário, evocar som e imagem, de um ponto de vista semântico.

HOW SOUNDS AND IMAGES ARE PRESENTED IN PARKATÊJÊ

ABSTRACT

Linguists have been challenged to face the occurrence of a special class of words related to the description of events from a sensorial and a physical movement perspective, the ideophones. From a typological perspective, the ideophonization phenomenon is heterogeneous and occurs in different extensions in human languages. Some characteristics observed in those elements can be highlighted: their phonotactics; morphology and prosody. In this paper, I present observations about the occurrence of ideophones of an indigenous Amazonian language parkatêjê, which belongs to the linguistic stock (Macro-Jê). The context of occurrence, form and meaning of those elements are observed.

KEY WORDS: Jê languages, oral texts, ideophones.

NOTAS

- 1 Este trabalho foi desenvolvido como parte do projeto de pesquisa *Keeping the Talking Forests Alive: Documenting the Amazonian Oral Traditions*, financiado pela Embaixada dos Estados Unidos, sob o *Award number S-BR250-08-GR083/(AFCPID 8159)*. Agradeço sobremaneira aos dois pareceristas anônimos da revista, cujas intervenções foram de suma importância para a apresentação mais adequada do presente texto.
- 2 No texto original, a definição é “A vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity” (DOKE, 1935, p. 118 apud VOELTZ and KILIAN-HATZ, 2001).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gabriel. A. Ideofones na língua sãotomense. *Revista PAPIA*, v. 19, p. 23-37, 2009.
- BODOMO, Adams. A corpus of Cantonese ideophones (2000-2008). Disponível em: <http://www.hku.hk/linguist/research/bodomo/ideophones/Ideophones_corpus_030608.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2010.
- CHILDS, G. Tucker. African Ideophones. In: HINTON et al. (Eds.). *Sound Symbolism*, Cambridge: CUP, 1994. p. 178-204.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- DINGEMANSE, M. The ideophone. Sounding out ideas on African languages, sound symbolism, and expressivity, 2009. Disponível em: <http://ideophone.org/working-definition>. Acesso em: 5 jun. 2010.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWILY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- FERREIRA, Marília de N. de O. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.
- MATTHEWS, P. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. Oxford University Press, 1997.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Macro-Jê. In: ROBERT, M. W. DIXON & ALEXANDRA, Y. Aikhenvald (Eds.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TRASK, R. L. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. London: Routledge, 1993.

VOELTZ, F. K. E and KILIAN-HATZ, C. (Eds.). *Ideophones*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2001.